

## UBUNTU MARISTA

Sou o que sou pelo que nós somos como família global  
Ir. Manoel Soares

Muitos dentre nós já ouviram falar de “Ubuntu”. *Trata-se de uma antiga palavra africana que tem origem na língua Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu), e significa que “uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas”.* Essa palavra, no entanto, possui diversos significados, mas dois deles são os mais citados nos mecanismos de pesquisa: *“Humanidade para os outros” e “Sou o que sou pelo que nós somos”.*

Na verdade, o sentido mais profundo da palavra **Ubuntu** consiste em um sistema de valores praticados em muitos países africanos. Ele define o humano, enquanto ser, conforme sua interação com outras pessoas, propondo, assim, uma irmandade universal. Suas lições, de grande valor humanístico, deveriam ser conhecidas e praticadas por todos nós, que vivemos numa sociedade marcadamente egoísta e desigual.

Existe uma história, que circula na internet, cuja autenticidade é difícil de comprovarmos, mas expressa de maneira surpreendente essa filosofia contida na palavra Ubuntu. Ela comporta um grande ensinamento para todos nós ocidentais inseridos nesse mundo do consumismo e da competição.

*Conta-se que um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma determinada tribo, e quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta para casa. Como tinha muito tempo ainda antes do embarque, ele então propôs uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito, com laço de fita e tudo, e o colocou debaixo de uma árvore. Então, ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse “já!”, elas deveriam sair correndo até ao cesto, e aquela que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse “já!”, instantaneamente, todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e os comeram felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou por que elas tinham ido todas juntas, se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: “Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?” Ele ficou pasmo. Meses e meses estudando aquela tribo, e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo... Do contrário jamais teria proposto aquela competição.*



Várias vezes eu tenho refletido sobre a palavra Ubuntu em seus diversos significados, mas existe um, em particular, que me chama muito atenção, porque contém uma mensagem muito profunda. Ubuntu quer dizer: **sou o que sou pelo que nós somos.**

Esse sentido da palavra Ubuntu nos remete a outro princípio educativo, também africano, que diz: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”. Ou seja, todos os membros da comunidade contribuem com o melhor que tem de si para educar cada nova criança. Mas é preciso entender que a criança é como um espelho que reflete de volta sobre cada membro da comunidade aquilo que recebe deles, confirmando e reforçando o que cada membro é, mas também cobrando mudança de postura daqueles que não se comportam inteiramente segundo os valores da aldeia. Só e somente assim é possível dizer que a criança é aquilo que são os membros da sua aldeia ou da sua comunidade, pois ela incorporou, aprendeu, internalizou o que de melhor existe entre as pessoas que a educaram.

Tenho procurado fazer um exercício de reflexão na tentativa de transpor o significado da palavra Ubuntu para a nossa realidade Marista como Família Global. Seguindo esse caminho, a partir do conceito acima, chego a uma conclusão surpreendente: se “*eu sou o que sou pelo que nós somos*”, isto é, pelo que nós somos como Instituição, como Província ou como grupo de religiosos e de leigos Maristas, então: ***Eu sou aquilo que sou porque outros me ajudaram a ser o que sou, da mesma maneira como todos os outros são aquilo são, porque eu, de alguma maneira, os ajudei a ser o que são.***

Se aceitarmos esse princípio e reconhecermos a sua dinâmica, nos surpreenderemos ao nos darmos conta de que estamos todos indissoluvelmente interligados, profundamente interconectados uns aos outros, não somente pelo conjunto de valores humanos e espirituais que nos define como Maristas, mas por um forte vínculo de pertença a algo maior, mais bonito e mais forte do que a soma de nossas individualidades. Isto é, eu sou mais do que eu mesmo! Eu não sou singular enquanto Marista, sou plural, porque sou Marista com todos os outros Maristas. Assim, eu sou o que sou pelo que nós somos como Maristas. Não é isso extraordinário?



Sabemos que o princípio da pluralidade está na essência mais profunda do próprio Deus. Ele é Uno e Trino ao mesmo tempo. O Evangelho conta-nos que Cristo rezou ao Pai pedindo que sejamos um, assim como Ele e o Pai são UM. (Jo 17,11). Marcelino Champagnat, em seu Testamento, pediu para que entre nós houvesse uma só alma e um só coração. Portanto, somos singulares na pluralidade que é Deus, mas também na pluralidade e na Unidade que é o Instituto Marista, composto por cada um dos Irmãos, Leigos e Leigas.

Se conseguirmos pensar a partir dessa ótica, vamos nos dar conta de que é preciso pensarmos em nossa realidade de Congregação, de Instituto, de Família Global com outro olhar, isto é, a partir de um conceito que eu chamo de “unidade plural”. Não há nenhuma novidade aqui, pois Deus é essa unidade plural: um só Deus em três pessoas. E ao fazermos isso, nossa maneira de ser, de entender e agir será confrontada diariamente com aquilo que sonhamos de melhor para cada um de nós individualmente, mas também para todo o grupo dos Maristas: EU SOU AQUILO QUE OS OUTROS SÃO JUNTO COMIGO.

Nesse momento tão importante de nossa história institucional Marista, quando somos convidados a a “olhar além”, a refletir sobre o futuro da MISSÃO MARISTA no mundo, eu fico me perguntando se essa filosofia contida na palavra UBUNTU não teria alguma coisa a nos ensinar. E chego à conclusão que sim.

Para entendermos melhor o que estou tentando comprovar, vamos utilizar uma metáfora e pensar o Instituto Marista como uma grande árvore.

# UBUTUN

“Eu sou porque nós somos”



Deus, através do Espírito Santo, plantou na terra fértil do coração de Marcelino Champagnat a “boa semente”, que germinou, cresceu e se transformou numa bela e grandiosa árvore, cujos ramos se espalharam por muitas nações. Vamos imaginar as raízes dessa árvore como sendo aqueles primeiros Irmãos que o Padre Champagnat acolheu ainda em La Valla. O tronco, como sendo os primeiros Irmãos que foram dando sustentação ao Instituto; os galhos mais fortes e aqueles mais finos como o conjunto de irmãos que foram se sucedendo ao longo das décadas; as folhas secas já caídas e transformadas, como sendo aqueles Irmãos que já partiram; as folhas maduras e amareladas pelo tempo como sendo os Irmãos já avançados em idade, mas ainda vivos; por fim, cada uma das folhas vivas, fortes e verdejantes como sendo os Irmãos mais jovens. Mas devemos acrescentar os novos rebentos, os leigos e leigas, que nas últimas décadas têm dado uma imensa contribuição para adubar, podar e zelar para que essa árvore permaneça verdejante, bela e produzindo muitos frutos.

Pensando assim não será difícil deduzirmos que, desde o início até hoje, todos nós estamos íntima e indissolúvelmente interligados uns aos outros. Concordaremos também que a seiva que percorreu cada uma das fibras dessa árvore, desde a sua germinação, é o Espírito, o Carisma de Champagnat, que a regou, fortaleceu, manteve viva, pujante, frondosa e produzindo frutos.

Mas existe algo muito mais profundo ainda a ser considerado. Se por um lado, a seiva, com sua riqueza de nutrientes percorre desde as raízes, passando por cada galho até chegar às folhas, não podemos esquecer que, para manter-se viva, a árvore necessita que cada folha, seja no mais alto da fronde verdejante, ou aquela mais escondida entre outras folhas maiores, contribua com seu trabalho, transformando luz em alimento, retroalimentando todos os galhos e o tronco. E só assim foi possível que a magnífica árvore Marista pudesse manter-se viva e vigorosa e celebrar seus duzentos anos de existência.



Acolhendo essa metáfora do Instituto como uma grande árvore é fácil entendermos que, da mesma maneira como cada galho e cada folha estão profunda e intimamente conectados entre si, cada Irmão está conectado a todos os outros Irmãos, a todos os outros leigos e leigas, e todos eles a mim. Aceitaremos também a ideia de que a seiva dessa árvore Marista nascida há duzentos anos atrás corre por todas as nossas fibras, nos contagia e alimenta com tudo que ela tem de mais belo e forte; a mesma energia que sempre a alimentou, fortaleceu e a fez crescer: a riqueza de sua espiritualidade centrada em Jesus e Maria, a força de sua missão de educar e evangelizar crianças e jovens, o desafio do profetismo da vida religiosa em meio a um mundo em constante mudança, o papel do leigo e da leiga na Igreja na transformação da sociedade. Essa mesma seiva espiritual que regou os corações de todos os Maristas no passado, desde os primeiros Irmãos, é a mesma que nos alimenta no presente e nos impulsiona para o futuro. É fantástico reconhecermos que espírito de Champagnat, que deu ânimo, encantou e modelou os corações dos primeiros Irmãos, é o mesmo que hoje nos anima, motiva e nos faz querer continuar sendo discípulos e discípulas dele. Portanto, desde Champagnat, cada um de nós é aquilo que seu espírito, o seu Carisma foi fazendo germinar no coração das primeiras gerações de irmãos até mim, em cada irmão, em cada leiga e leigo, e chegará a todos os outros que virão depois de mim. Isso é extraordinário! Então, eu posso afirmar com toda segurança que todos os que vieram antes de mim, assim como aqueles que estão lá onde estiverem, ainda que desconhecidos por mim, todos aqueles que foram contagiados pelo espírito de Marcelino Champagnat e fizeram do Instituto Marista aquilo que ele é hoje, contribuíram para que eu seja aquilo que sou como Marista. Não é possível pensar diferente!

Visto desse ângulo vamos nos dar conta de que é preciso aceitar a ideia de que todos e todas Maristas, desde o início do Instituto, pelo que foram e pelo que fizeram e fazem me ajudam a ser o que sou, ajudam você a ser o que você é. Mas, ao mesmo tempo, devo acreditar que, aquilo que você é e aquilo que eu sou torna-nos também responsáveis por tudo o que os outros Maristas são individualmente e como Família Global.

Se conseguirmos aceitar essa lógica, então não será difícil aceitar o sentido mais bonito e profundo da palavra UBUNTU: **“Sou o que sou pelo que nós somos como Família Global”**.

\*\*\*\*\*



PS! Fico muito feliz ao ver que tantos leigos e leigas são extremamente generosos, vivem a gratuidade de maneira evangélica e silenciosa, dando o melhor de si para que a Missão Marista aconteça, trabalhando para que todos os Maristas sejam pessoas melhores, mais comprometidas com o sonho de Champagnat e para que a aurora de um novo amanhã aconteça.

